

# GUERRA DO PARAGUAI

Durante o governo de Carlos Antônio López, desenvolveu-se o comércio externo do Paraguai: instituiu-se o regime de serviço militar obrigatório; criou-se uma flotilha; instalou-se uma indústria de armamentos.

Em 1862, assumiu o poder Francisco Solano López que, no governo do pai fora ministro da guerra e da marinha. Sofrera grande influência de Napoleão III, no período de sua permanência na França, voltando disposto a transformar sua pátria em uma potência militar.

Depois de advertir o Brasil sobre a soberania dos Estados do Prata, ordenou o aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda, no qual viajava o governador de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos. Após esse ato rompeu relações com o Brasil.

O Brasil aliou-se com o Uruguai e a Argentina, formando a Tríplice Aliança, com o presidente Mitre no comando das forças aliadas. As brasileiras eram comandadas pelo Marechal Manuel Osório, Marquês de Herval.

As forças de López eram inegavelmente superiores às de seus inimigos, que entretanto, unidos acabaram por enfraquecer o paraguaio.

Na foz do Riachuelo, o Brasil teve uma grande vitória, cujo plano tático, por seus méritos indiscutíveis, foi copiado na Europa pelo almirante Tegethof, da famosa Batalha de Lisa.

A vitória do herói nacional, almirante Barroso, sobre a força naval paraguaia estabeleceu um bloqueio marítimo que impediu a chegada dos navios, que López encomendara na França e na Inglaterra.

Em 1865 foi finalmente derrotado o comandante paraguaio Estigarribia que invadira S. Borja, Itapui e Uruguaiana, sendo vencido nesta última cidade.

Uma das páginas mais bonitas da Guerra do Paraguai foi a Retirada da Laguna, quando os batalhões brasileiros formaram um quadrado, com músicos no centro, executando o Hino Nacional, com um heroísmo indescritível. 700 brasileiros assim suportaram o pesado ataque inimigo, com fome, sofrimentos, beribéri, e cólera-morbo.

Em 1866 as tropas aliadas invadiram o Paraguai, entrando em Paso de La Pátria.

Em Tuiuti, travou-se a maior batalha da história da América do Sul, destacando-se o valor do nosso comandante Manuel Luís Osório, o brigadeiro Antônio de Sampaio e o tenente-coronel Emílio Luís Mallet.

A demorada guerra já havia dado enormes prejuízos ao nosso país, em dinheiro e em vidas humanas, o que fez o governo nomear para dirigir as forças brasileiras Luís Alves de Lima e Silva, Marquês de Caxias.

Caxias foi muito oportuno no Paraguai: animou nossos soldados e os disciplinou; reorganizou o armamento, o sistema de suprimentos, tratou dos casos de cólera-morbo e reformulou o plano geral das operações.

Obteve nosso general difíceis vitórias em Humaitá, Tuiuti, Itororó, Avai, e Lomas Valentinas, culminando com a ocupação de Assunção, a 5 de janeiro de 1869.

Entretanto, López não desistiu, refugiando-se nas cordilheiras, disposto a reorganizar suas tropas e continuar a luta. Estando Caxias doente foi substituído pelo genro de D.<sup>o</sup> Pedro II., o conde D'Eu, marido da princesa Isabel.

Em Cerro Corá morre López, em 1.<sup>o</sup> de março de 1870, findando-se assim a guerra do Paraguai.

1) Uma das consequências da mesma, foi a simpatia geral que López conquistara em várias regiões da América do Sul, onde se pensava que a luta era desigual com

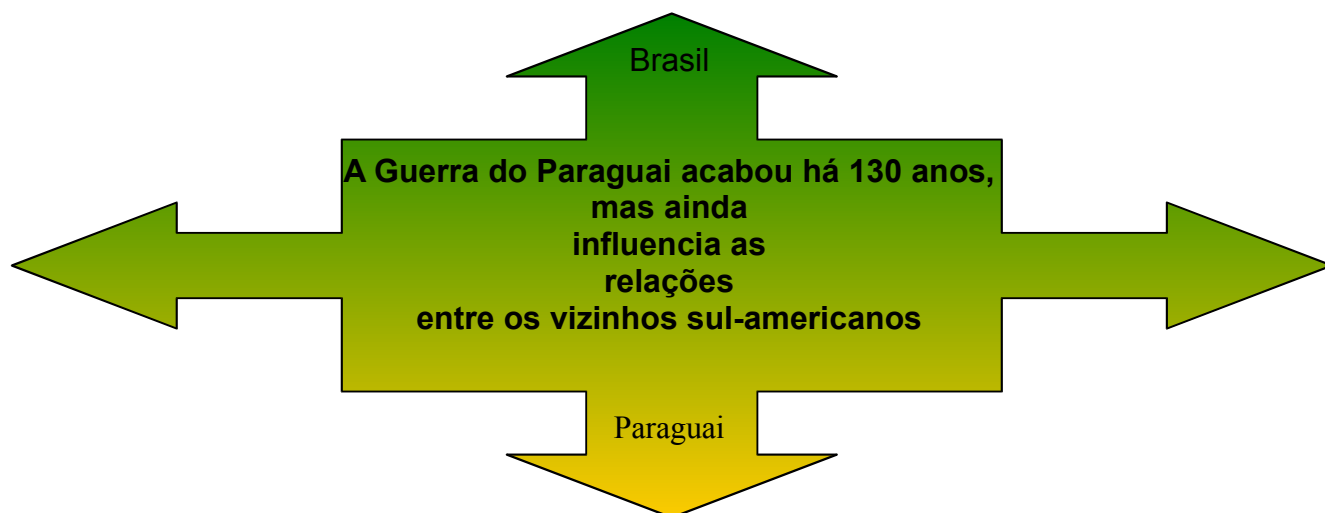
os três países da Tríplice Aliança, contra uma pequena república.

2) A guerra foi desastrosa, tanto para o Brasil, quanto para o Paraguai, custando-lhes vidas preciosas e abalando-lhes a economia.

3) Em contato com os platinos, revigoraram-se as idéias republicanas de nossos soldados e foi fortalecida a campanha abolicionista.

-----  
-----

#### UMA MANCHA DE SANGUE NA HISTÓRIA DO MERCOSUL



Neste 1º de março completam-se 130 anos da morte do ditador paraguaio Francisco Solano López por soldados brasileiros. O episódio marcou o fim da Guerra do Paraguai, com a vitória da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai). Em 2000, celebra-se outro momento importante para a região: o quinto aniversário do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul). Trabalhar com essas duas datas é uma boa oportunidade para mostrar como se formaram as relações do Brasil com os seus principais vizinhos.

Os dados sobre as populações dos países na época do conflito, o número de combatentes nos respectivos exércitos e o total de mortos são contraditórios. Mas é certo que o Paraguai ficou arrasado. Sua população, especialmente a masculina, diminuiu drasticamente. Parte de seu território acabou em poder dos rivais, Argentina e Brasil.

No balanço final, brasileiros e argentinos concentraram ainda mais as forças na região, quadro que se refletiu na formação do Mercosul e se mantém até hoje. Os dois países são responsáveis por 90% dos negócios do bloco, mas as disputas bilaterais estão deixando todo o grupo em situação difícil. Pela primeira vez, desde a aliança, em 1999 houve retração no volume de transações comerciais, em boa parte por causa da desvalorização do real em relação ao dólar, em janeiro do ano passado.

Em 1864, quando começou a guerra, o Brasil e Argentina já tinham as principais economias da região, mas o pequeno Paraguai representava uma ameaça aos dois gigantes. Tinha construído um sistema educacional avançado e começava a formar a sua indústria. Ao chegar ao poder, Solano López queria mais: um acesso para o mar.

Para isso, pretendia unir o Paraguai às províncias Argentinas de Entre Rios e Corrientes, ao Uruguai e ao sul do Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo, sua política econômica contrariava a poderosa Inglaterra. O governo de López controlava as exportações e não se deixava influenciar pela Coroa Britânica, como acontecia com os demais países da América do Sul. Por isso, e também porque bancos londrinos financiavam os gastos da Tríplice Aliança (tornando-se credores do Brasil, da Argentina e do Uruguai), ganhou força a versão de que os

ingleses foram os maiores interessados e os únicos vencedores da disputa.

“Essa visão era comum no final dos anos 70, quando historiadores esquerdistas tratavam o Paraguai de López como um exemplo a ser seguido, uma espécie de Cuba do século XIX”, lembra Francisco Alambert, que defendeu tese de doutorado sobre o episódio na Universidade de São Paulo. Hoje, a influência britânica é contestada, assim como a versão de que o Paraguai teria vivido uma experiência democrática e socialista no século passado. Estudos recentes destacam a repressão política do governo López. “Mas ainda acho convincentes as idéias sobre o interesse dos ingleses”, defende o pesquisador.

Alambert alerta, porém, que essa não era a única questão envolvida. Havia também problemas específicos da região. “É o caso da disputa entre Brasil, Paraguai e Argentina pelo comércio da bacia do Prata”, afirma.

Além disso, as catorze províncias argentinas, que só haviam acertado sua união em 1862, continuavam disputando o poder interno. No início da guerra, o presidente Bartolomeu Mitre tentava pacificar seu país e impedir que os intendentos de Entre Rios e Corrientes levassem em frente o projeto de anexar-se ao Paraguai.

No Brasil, as maiores dificuldades eram financeiras. “O imperador precisava criar um fato que mobilizasse a sociedade”, diz Alambert. A crise começou em 1850, quando foi proibida a entrada de escravos africanos. Nosso país era o único império escravagista das Américas. Todos os outros eram repúblicas. E não tinham escravidão.

### **LUTA BRUTAL ENVOLVEU ATÉ CRIANÇAS**

Não há números precisos sobre a Guerra do Paraguai, mas as lembranças de batalha são amargas. “É uma chaga que marcou todos os envolvidos”, define o historiador Francisco Alambert. Soldados lutaram descalços e enfrentaram fome e doenças. Houve episódios de extrema crueldade, como a Batalha de Acosta Ñu, em agosto de 1869, na qual 3.000 paraguaios (todos com menos de 15 anos) foram dizimados por mais de 20.000 soldados. “D. Pedro II, sempre visto como um bom velhinho, exigia que se lutasse até a morte de Solano López. Apesar de o Duque de Caxias achar que o ditador aceitaria um acordo de paz”.